

A CASA TOMBADA

**ESPECIALIZAÇÃO EM NARRAÇÃO ARTÍSTICA: CAMINHOS PARA
CONTAR HISTÓRIAS EM CONTEXTO URBANO**

Memórias, histórias, cultura e costuras

Mírian Santos da Silva Oliveira¹

Era 22 de janeiro de 1966.

Em uma manhã. O Sol estava quente, escaldante, era de rachar o chão e ferver o juízo daqueles que eram desprevenidos em sair naquele dia. Mas a menina anunciou a sua chegada. Exatamente ao meio-dia o céu fechou, com fortes chuvas, trovões e alagamentos. A menina chegou forte, gorda, chorona. Enquanto a chuva continuou por 28 dias. Ninguém saía para lugar algum. Baixaram as águas, o rio baixou.

Avó Dejanira a trouxe no colo para casa, a menina foi crescendo e o tempo passando. No quintal tinha um balanço na mangueira e cheiro forte de café torrado, doce de carambola, groselha. Cocada de cacau sempre perfumava a casa. Na peça da sala, ficavam as compoteiras de doces.

À tarde podia escolher qual doce ou bolacha, ou biscoitos feito em casa para lanche, frutas como laranjas, tangerinas, abacates, bananas, eram muitas frutas! No dia de pilar café e torrar eram muitas risadas, quando ia raspar mandioca e torrar

¹ Discente do curso de Especialização em Narração Artística: caminhos para contar histórias em contexto urbano, através d'A Casa Tombada. Licenciada em Pedagogia pela Faculdade de Educação Montenegro, é Especialista em Gestão Cultural pela Universidade Estadual de Santa Cruz, e Especialista em Psicopedagogia e em Gestão, Supervisão e Orientação Escolar, pela Faculdade Santo Agostinho. Servidora pública municipal, atua na Secretaria Municipal de Cultura de Ilhéus, Bahia. Contadora de histórias. Secretária do Fórum de Agentes, Empreendedores e Gestores Culturais do Território Litoral Sul da Bahia - FAEG-SUL.

farinha, elas contavam histórias, casos e diziam: cuidado para as crianças não ouvirem, risos. Chegou o tempo em que ela foi morar na cidade, em um lugar estranho, cheio de árvores deitadas no chão, areias, buracos, poucas casas. Era um lugar feio. Só tinha duas coisas que gostava: um coqueiro de dendê e lá longe avistava o mar. Ficava sempre só naquela casa, às vezes sentava no batente da porta da casa e brincava com os cocos dos dendezeiros que caíam no chão. Chegaram novos vizinhos no bairro e tinham crianças. Agora podia conversar, sorrir.

Mas uma tarde, foi chamar a menina para brincar. Antes mesmo de chegar na residência, ouviu gritos altos e fortes e muito choro, voltou assustada. Entrou e empurrou a porta, foi dormir e, quando acordou, sentiu um calor muito forte. Fogo, muito fogo. Ficou deitada no chão, era chão de terra batido e entre o chão e a porta tinha um pequeno espaço. Espaço que cabia suas pequenas mãos e olhos atentos aos externos que passavam naquele lugar. O moço que era passante dali a socorreu do fogo. Alguns dias depois, estava bem, com a querida avó Dejanira e a bisá Maria Rosa. Elas eram muito próximas. Elas beijavam, cheiravam, abraçaram e desejaram coisas boas à menina. O tempo passou e a menina teve que ir para a Escola estudar.

Já estava fora da idade para a série, não sabia os hábitos das crianças nas escolas. Foi sofrido... muito sofrido. Apelidos, brincadeiras bobas, em casa ela tinha o destino da "Menina do Surrão", uma história da cultura brasileira que Henriqueta Lisboa escreveu.

Maria Rosa ia buscar nas férias e encontrava-se com Deija, que era uma andarilha. Como era bom estar com elas, passear, ouvindo-as conversar: "Menina, você não sabe o que é a vida; quanto mais vivida, mais sofrida"; "Você tem visto Ester, Rosa? Não, virou 'ar cã fô' [álcool com cânfora, metáfora para sumiço, em razão da evaporação]". O mais incrível é que Deija não sabia ler nem escrever, e Maria Rosa, apesar de saber ler, não sabia escrever. Ester sabia ler e escrever. Mas elas tinham uma Bíblia e ficavam como se soubessem tudo ler e escrever. "A menina ia se formar para ser professora. Uma grande profissão; onde chegar, tem emprego". Assim elas diziam sempre.

O tempo de Maria Rosa chegou; foi para o Mundo Espiritual com 107 anos de idade, lúcida e feliz. Deija vendeu todas suas propriedades e veio morar na cidade com sua única filha e trouxe a menina. A filha de Deija, neta de Maria Rosa, mãe que

nunca aceitou a menina. Ela dizia "essa menina é corda do meu coração; não dou nem troco por nada dessa vida".

Tempos difíceis se sucederam, com a convivência turbulenta, parecia que nada dava certo, muito triste. A menina, agora moça, estava a fazer magistério e trabalhar. Trabalhar no seu primeiro emprego. Zeladora da Biblioteca Municipal de Ilhéus. A vida segue. Todas as noites quando voltava da jornada dupla, trabalho e escola, recebe das mãos da avó querida o que tivesse de mais saboroso naquele dia. Ela contava todos os acontecimentos e falava dos livros que lia, folheava, o que via durante os dias. Até que uma noite ainda na escola sentiu um aperto no peito. Foi correndo em direção à casa e de longe avistou quando colocavam a avó querida em um carro de ambulância. Ela seguiu para o hospital junto com sua avó, era noite de sexta-feira.

Ela não arredou o pé daquele hospital. Sábado pela manhã a avó parecia estar bem melhor, tomou banho, café, deitou na cama daquele hospital e pegou a mão da moça colocou sobre o seu peito e foi falando o que ela deveria fazer, a partir daquele dia e ela precisava seguir. Quando ela apertou a mão bem forte e deu seu último suspiro.

O mundo desabou.

Demorou para acreditar e seguir os passos ditos pela sábia avó, que em noite de lua cheia, colocava a bacia com água no quintal e via São Jorge cavalgando na lua. Isso parece poesia, mas era assim que ela fazia! Foi assim, com lembranças e andanças de uma Bisavó, uma avó e uma tia-avó que ela era agora Mulher.

Que sonhava com um mundo cheio de sorrisos e esperanças.

Não foi bem assim, foram momentos muito difíceis sem elas e sem apoio, sem ombro, abraços e ouvidos. Até que um dia – nas histórias sempre tem um dia –, um certo dia, no percurso natural da vida, ela descobriu que estavam apaixonados, não era só um amigo. No início foi lindo o romance, como sempre acontece. Resistimos a diversas intempéries que acontecem em algumas caminhadas.

Ele era um andarilho, não podia ser diferente. Viajaram em terras distante daquele lugar, foram viver em aldeias com povos originários e cidades fora do Nordeste. Foi bom, vendo a situação e aprendizagem hoje. Naquele período, não, nada planejado, como dizemos "tudo a reboque". Não costuma ser tão bom ou bem.

Foi... Entre as buscas, o primeiro filho chegou. Mas ele não parava em lugar algum; chegou o segundo filho e ele parecia não sossegar, era um vai e vem sem fim. A mulher não tinha mais emprego, perdeu sua identidade, mas não percebia por ter tantas atribuições e fazeres com duas crianças e nenhuma mão para socorrer.

Até que um dia ela teve um sonho muito forte, onde ela estava em um presídio. Acordou assustada, parecia real. Chorou muito, tomou um banho e decidiu retomar a vida dela, aquele pesadelo a sacudiu. Ela só tinha o curso de magistério e tinha abandonado a faculdade duas vezes. Agora fez vestibular em duas das faculdades da região e passou justamente na particular. Não esmoreceu, entrou e com a ajuda psicológica dos pequenos, que estavam felizes, e primos, sobrinhas. Foi ser uma estudante FIES da primeira leva do programa. Como cantou a eterna Elza Soares, "como lutei, como lutei". Filhos pequenos, mudou de cidade, trabalhava como professora REDA² do Estado, todas as manhãs fazia faculdade, a 77,4 km de distância.

Lavava, passava, cozinhava, orientava as crianças nas atividades, levava para escola e pedia favor para alguém buscar. Nos domingos, passeava com as crianças para quebrar a rotina deles. Contava histórias e fazia massagens nos pés do menorzinho. Só assim ele dormia. Estudou com vontade e determinação e fez a inscrição para concursos. Passou em três naquele período. Diploma de Pedagogia e posse de concurso. Convocação, havia mudado para a cidade há pouco tempo. Nunca temos tudo que queremos.

Na posse do concurso foi para zona rural. Saindo da cidade às cinco horas da manhã e retornava entre 18 e 19 horas, a depender do movimento no trânsito. Chegava em casa cansada e precisava saber como foi o dia dos meninos, escola, lavar fardas e organizar as coisas para o dia seguinte. Afinal, saía antes deles acordarem e já deixava a mesa pronta com o café e o lanche que iriam levar. Assim foi um tempo.

Parece que se não acontecer não temos o que contar. Agora os filhos crescendo, trabalho e o amor... Foi embora, continua suas buscas, agora só ele, sem olhar nem pensar nos que ficaram para trás.

² Regime especial de direito administrativo do Estado da Bahia, sem proteção da Consolidação das Leis do Trabalho e sem estabilidade, apesar de passar por seleção pública com características de concurso.

Por um tempo ela se achou sem chão. Mas precisava ser forte e seguir com eles, dando continuidade na vida que imaginou oferecer a eles. Os seus filhos queridos, seus amores. Agora era só ela e suas vozes e memórias. Onde chegava era recebida de forma irônica “chegou ela e suas histórias”; “como você tem histórias?”.

No período tinha feito um curso de quatro módulos, oferecido pela Natura, “Como ler para crianças, livros, ilustrativos, gibis e mediar as leituras”. A professora formadora dizia: você é contadora de histórias. Ela ficava pensando. Essa mulher lá de São Paulo dizer isso... É uma brincadeira! Sorria e não tomava para si.

Fazia as oficinas oferecidas pelo Proler UESC. Foi pesquisar sobre a arte de contar histórias. De forma tímida, começou a contar, com medo e sob olhares torcidos. Tinha algo em vantagem: foi atriz em oficinas de um projeto que rodou o interior da Bahia no final da década de 1980, com os saudosos Jurema Penna e Pedro Mattos. E em seguida foi participar da companhia de Teatro “O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá”, com texto e direção de Équino Reis. Foram nove meses de ensaios e oficinas até a apresentação do espetáculo sob o olhar do autor Jorge Amado. Como ela disse, sabia conviver com os olhares e segurar os textos.

Chegou na cidade a Companhia das Letras de Brasília. A trupe tinha Sérgio Maggio, com interpretação de texto; Jones de Abreu, com direção e orientação; Rose Costa, contadora de histórias, que trouxe um livro todo no tecido e ela ficou encantada. Junto à irmã admiraram bastante o livro "Feliz aniversário, Lua". Na oportunidade, o Secretário de Cultura da época foi assistir a conclusão das oficinas. Ao término, ele disse que precisava falar com ela, informa dia e horário. Ela vai e tem a surpresa que precisava, contratada para ser contadora de histórias para a Biblioteca Itinerante, com o ônibus Águia da Cultura. Ela ficou em extrema alegria, seria o dinheiro extra que precisava. Começou com muita coragem, sem repertório, com alguns materiais e foi embora.

Em pesquisa, viu os Tapetes Contadores de Histórias. Fascinou por eles e seus trabalhos. Ficou sabendo que eles estavam em Recife com uma apresentação de um mês. Não tinha como chegar lá; longe, sem dinheiro. Pegou a Internet ao seu favor. Ficava assistindo aos espetáculos, lendo sobre eles e começando as costuras. Costurar histórias e contar da melhor e mais sincera forma.

Começou a acompanhar o FAEG-SUL, um projeto de sonhadores da Região Cacaueira. Gestores Culturais e fazedores de cultura. Em tal período, esse grupo lutou pela implantação de uma especialização voltada à cultura na região e ela concorreu a uma vaga. Pós em Gestão Cultural. Primeira turma, lá vai ela com a ideia de lutar pelas histórias... Agora ela tinha um acervo interno e material. Foi com a ideia "Contação de histórias com Tapetes". Excelentes experiência e fortalecimento dos saberes. Concluiu a pós com certeza que a gestora cultural contava histórias. Já vinha contando histórias nos distritos, bairros da cidade com a Biblioteca Itinerante, terreiros de candomblé, escolas públicas e particulares, praças, mas o estudo da Pós deu uma levantada, ela foi contar na Universidade em parceria com o Proler UESC, foi trabalhar na Biblioteca Pública Municipal e outras cidades da região começaram a solicitar o trabalho. As dúvidas e incertezas ainda são grandes.

Ela ficava dividida nas incertezas do saber e de nada saber. Então foi às buscas de mais leituras, a vida agora estava melhorando, os meninos na faculdade e com estágios recebiam a bolsa, já dava um suspiro. O filho mais novo deu-lhe um livro de Cléo Busatto, Contar & Encantar. Passeando na Internet, lia uns textos e ficou conhecendo a contadora de histórias Flávia Gama em Belo Horizonte. Foi para uma oficina dela, pagou a oficina em 5 vezes no cartão e a passagem foi um presente, tinha hospedagem. Foi lindo e lá conheceu várias contadoras de histórias. No início ficou encantada, só com o passar do tempo descobriu que, apesar de ser psicopedagoga, não era essa linha que a atravessava nas narrativas. A vida vai sempre melhorando com o passar dos dias, é só lutar e acreditar. Ela estava depois de algum tempo de volta à Biblioteca Pública Municipal Adonias Filho, onde tinha a flexibilidade das leituras e narrações para diversas escolas.

De forma inusitada, acontece oficina dos Tapetes contadores de histórias em Salvador. Ela comunicou ao Secretário da época que ele liberaria durante a semana para ir fazer a oficina. Fica em casa da cunhada e vai em direção à Caixa Cultural Salvador. Tinha garantido sua vaga, precisava chegar cedo, pois a concorrência é grande e se chegasse depois, perderia. Quem foi a primeira a chegar na fila? Ela. O coração bate forte, emoções. Todos os dias fazia a oficina pela manhã e à tarde assistia às sessões. Viver durante uma semana ouvindo e vendo todos aqueles tapetes, livros, foi uma maravilha, muito lindo mesmo. Parecia que estava no balanço da mangueira da casa da roça da infância. No curso conheceu várias

contadoras de histórias e escritoras da cidade de Salvador. No sábado foi assistir à maravilhosa Danielle Andrade. Fantástica contadora de história do Brasil que mora em Salvador.

Segue para a rotina e logo fica sabendo pelas redes sociais, como no mês anterior, que terá outra oficina com os tapetes contadores no mesmo local em Salvador e mais uma vez ela consegue ir. Agora é com o Cadu Cinelli. Ele vem com uma abordagem sobre o que é ser um narrador urbano e quem são essas pessoas que escrevem sobre as narrativas no Brasil e traz o contexto da escrita na África quando fala de Inno Sorsy, tinha sido convidada a escrever um livro com a Gislayne Avelar Matos: o ofício do contador de histórias. Assim também fez as abordagens sobre a Regina Machado e o movimento do Encontro Boca do Céu. Foram maravilhosas todas informações.

Onde ela andava, onde estava que lá não falam delas e sobre todos esses saberes? Ela sabia da Bia Bedran e suas publicações, seguia o Celso Sisto. E tem mais Deusas das histórias. Quando terminou a oficina ela agora tinha mais amigas e pessoas importantes contadoras de história com a Luciene Souza Santos, professora da UEFS que tinha feito a oficina, cantado com uma linda voz. E para fechar com história, foi ao lançamento do livro da Professora Rosemary Lapa de Oliveira e Mary de Andrade Arapiraca organizadora, "Contar histórias em espaços formais e informais de aprendizagem". As colegas Terezinha Passos, Josefina Gomes, Sandra Bahia e Dulcinéia Carvalho, junto a alguns colegas que tinham participado da escrita do livro, também estiveram presentes. Foi lindo o lançamento. Lá foi muito bem recebida pelas novas amigas, escritoras, contadoras de histórias. a oficina rendeu uma rede de novas amizades e afinidades do que ela tinha sede de saber, sobre os fazeres e saberes das narrativas de história.

Mas algo estava para acontecer no Mundo e ninguém esperava. O Mundo parou. O coronavírus deixou todos em suas casas, sem sair e sem contato físico. Foram dias desolados, agora fazer o quê? Ir a lugar algum. Notícias tristes de mortes; mortes no País e no ciclo de amigos e colegas queridos. As novas amigas começam um movimento nas redes sociais, com *lives* e contações de histórias e convida ela para contar histórias.

Ela faz um rebuliço em casa, os filhos ficam malucos com essas *lives*. Quando termina ela fica feliz e começa a estudar durante esse tempo. Vai lendo

Câmara Cascudo e os outros que ela tem em casa, até que o movimento vai crescendo e ela já se vê fazendo *live* com contadoras de outros estados, Rio de Janeiro e São Paulo.

O tempo passou e todos foram se dando conta que só agravava a situação. O País fechado com poucos lugares funcionando. Ali ela ficou cheia de gratidão por ser funcionária pública e ter seus proventos todos os meses. Tinha um decreto que protegia o direito de trabalho em casa. Foram momentos de encontro com as leituras; todas as noites lia, contava histórias para os filhos e sua irmã que convive com ela.

Ficou viciante. Chegou o momento das oficinas on-line. E ela fazendo com o Warley Goulart no Instituto Quindim, onde trabalhou com um lindo conto, na proposta de construção de uma representação. Ela fez com a ajuda da irmã um início de um tapete de uma história, "O homem sem sorte". Após a oficina, ela concluiu o tapete.

Lá na Oficina em Salvador com o Warley Goulart e Cadu Cinelli ela aprendeu uma forma de dividir o conto para melhor absorver.

A oficina no Instituto Quindim, o Warley Goulart, mostrou várias fotos de Tapetes e suas histórias assim como descreveu como seria o lugar daquele conto para que possa andar e entender cada lugar e sua cultura.

Agora não tinha para onde ir com a pandemia, tudo parado. Deu a ela uma folga econômica, sem gastos com passagens, roupas e outros itens. Ela investiu em comprar livros. Livros de Regina Machado, Gislayne Avelar Matos, Celso Sisto e algumas literaturas infantis de Ana Maria Machado, Ana Clara Machado, e outros escritores.

Quando passeando nas redes sociais viu uma chamada de Narradores do Cariri. Foi buscar, era um movimento que eles estavam fazendo, no qual eram convidados contadores de histórias. Ela logo se interessou e ficou assistindo e entrou no agendamento para contar histórias.

Foi então que ela ficou sabendo do curso de Narradores online do Cariri. Fez a inscrição e ficou ansiosa para assistir às aulas.

Quando começaram as aulas a Sonhadora Josy Correia se apresentou e em seguida a Luciana Costa e a Elizabette como coordenadora do curso. E chegou a professora que logo a encantou, a Tâmara Bezerra, pesquisadora em educação e

contadora de história na primeira aula do primeiro módulo. A palavra viva: a narrativa ancestral. A professora falava de uma tríade, tripé, foi descrevendo cada um, foi incrível. Pensamentos voaram. Como assim? Onde estava que não ouvi nenhum professor na faculdade falar dessas leituras e possibilidades? Foi uma experiência rica e de busca. Naquele momento ela foi na página de número 100 do livro de Regina Machado, A Arte da Palavra e da Escuta: "Antes de querer saber como contar, é preciso compreender que as escolhas narrativas resultam de um processo de elaboração da presença, que começa com uma pergunta: Por que contar? A resposta a essa pergunta não existe pronta, não pode ser ensinada, não é uma 'frase feita'. Como em qualquer experiência verdadeiramente humana, é fruto de um caminho de aprendizagem e constitui aos poucos a substância de uma pessoa, digamos, como um arcabouço permanente que se adapta a cada momento e acompanha em suas escolhas através da vida".

Com essas palavras e aquela experiência, ela começou a compreender a palavra viva com a narrativa ancestral. Nada brotou agora, já vinham com os antepassados, os ancestrais e ela que estava em busca dessa elaboração da presença. E foram sábados de descobertas de entendimento da palavra que anda.

Chegou um professor, um senhor feliz, cheio de amor a oferecer em poesia e prosa. O professor Raimundo Moreira com ela dizia não saber. A chamada dele era: "Como despertar o narrador que mora em mim?". Ele terminou de falar e deu uma tarefa ou exercício a ser feito ali dentro da casa de cada um daqueles alunos na tela do computador. Ela foi com reflexões e conseguiu. O próximo era caminhar no espaço da casa e descrever o máximo do que tinha visto, passado e voltar para narrar, contar. E assim cresceram as possibilidades e descobertas dessa narradora bem devagar, em gotas.

Seguindo esse módulo, veio a Josy Correia, a Diretora, sonhadora, professora da escola de Narradores com o módulo "A imagem da palavra – técnica vocal, análise e performance narrativa". Em suas buscas ela tinha estudado tempo, fala, expressão, corpo. Mas a imagem da palavra era algo totalmente novo e foi um novo com boas descobertas a suas intenções da fala e dos textos narrativos. Nada parava ali. A professora Neylla com "Os simbolismos de mitos e contos e a sua expressão na psicologia analítica" trouxe um momento de estudo. Diria que a caverna

e as expressões têm trazido um despertar da interação do contador de histórias e os contos.

As matérias dos módulos foram muito bem escolhidas e planejadas, e conduzem para irem se entrelaçando na construção dessa narradora. Agora as narrativas e os jogos de interpretação (RPG) com Dmitri Gadelha. Excelente o conteúdo e professor. Como não tinha pensado no jogo, e as possibilidades das narrativas. E a finalização deste ciclo foi com a batuta do Professor Raimundo, com as apresentações Online. Ao vivo e gravado, circulando pelo Brasil, Portugal, enfim. Nossa, como foi difícil ficar sem aulas da Escola de narradores.

Surgem as oficinas e conhece pessoas nas telas, vê amigas e faz grupos de estudos. A oficina com o José Mauro Brant traz pessoas incríveis como Rita Gama, ela traz um grupo com Luzia Mendonça, “Espiral da palavra”, no qual elas e eles estudavam contos. O grupo era bem presente e muitos contadores de histórias contribuíram e foi nesse grupo que ela passou a conhecer o livro da Professora Maria Inês Espírito Santo, “Vasos Sagrados”.

Foram vários encontros às terças com rodas de histórias a cada encontro, já ficava agendado quem ia contar no próximo encontro. E chegou o dia em que a escritora esteve com todos. Foram lindos momentos de partilha e aprendizagem e com a busca na construção da narradora.

A escola de Narradores abre o segundo Portal. Com a proposta de professores do Brasil, Espanha e Portugal. Com muita sede de construção que ela estava a assistir às aulas. O fantástico pesquisador nordestino que estuda os contos do mundo e carrega consigo os contos que ouvia das tias, avós, vizinhos e nas feiras os contos de cordéis, é fascinante ouvir. E logo em seguida mais um carregador da palavra, Giuliano Tierno, com sua naturalidade em misturar as aulas as técnicas de orientar ao rasgo. Foi lindo ela carregar para a vida o rasgo.

Entre as aulas continuam as oficinas pela Lei Aldir Blanc e ela fazendo as inscrições. Com a Rosana fazendo uma bordando peneiras, chega o momento de fazer a Boca do Céu *online* e encontrar a maravilhosa Emille Andrade, ela sai em busca e já está com umas certezas. Contar histórias é para todos, crianças, jovens, adultos, idosos, é só o elemento certo das histórias para estudar e contar... Durante esse período apareceu uma oportunidade maravilhosa, ela relutou a não fazer. Mas a

família e um amigo disseram, você é uma contadora de histórias. Foi. O SESC Bahia. Valeu muito a experiência para refletir e amadurecer essa palavra narrada.

Em busca dessa narradora. Uma narradora da vida urbana, que lê, e pesquisa em livros e estudos as vozes que assentaram no papel em forma de livros, assim ela segue e refazendo a leitura e releitura de histórias, contos, ensaios, músicas, poesias que alguém escreveu, dando vida, voz e movimento e quando surge a vontade ou o pedido da história, costura, borda, constrói um texto em tecido com a delicadeza de chamar de tapetes, aventais, caixas, passadeiras para contar as histórias.

E entre tantas histórias ela foi homenageada no Terreiro Matamba Tombency Neto, fundado em 1885, que está sob o comando de Mãe Ilza Mukalê e seus filhos e netos. Na VII edição do Prêmio Ilza Mukalê, no dia das Mulheres, ela recebeu o troféu. Foi um momento de emoção e reflexão sobre o que as histórias estavam trazendo às mãos dessa Mulher que conta histórias.

O caminho das buscas continua no terceiro portal da Escola de narradores. Agora, uma surpresa: os alunos iriam a Portugal no mês de junho e retornavam em julho. E em dezembro para o Cariri, no Ceará. Ela sabia que para Portugal ainda não era a hora da travessia, mas se empenhou em pagar as parcelas para ir ao Cariri. Chegou o momento da viagem a Portugal; colegas foram, colegas não foram, e ela não foi. Ela sabia que não iria e seu coração estava tranquilo e muito feliz. Ela estava fazendo o curso de Narração Artística pela Casa Tombada. Sim, quando ouviu falar desse curso, ficou com água na boca, mas não teria como ir... São Paulo é longe, só um milagre naquela época. Sim... Milagres. A casa *online*, ficou repleta de felicidades. Quando viu o preço, não seria possível. Só que ela não desiste quando quer sonhar. Mesmo em silêncio, a conversa com o Universo e o Sagrado é, como dizia seu Pai Dedê, firme. Foi quando descobriu as possibilidades de bolsa. Tentou, não teve quórum. E chegou o dia que ela esperava, uma loucura, trabalho, casa, Casa Tombada e Escola de Narradores, Viagens do FAEG-SUL, atividades como membro da Rede de Museus.

E lá vai ela até o Cariri. Desce em Juazeiro às duas horas da madrugada e pela primeira vez estava em frente a Luciana Costa e Josy Correia, que gritavam do carro, “querida Mírian!”. Foi lindo. Seguimos para o Crato. Foi a primeira a chegar do grupo. O dia amanheceu, o sol estava lindo ao céu do Crato do Ceará. Os

pássaros, as mangueiras carregadas a cantar. Ela fez um diário para contar ao filho o que estava vivendo no Ceará e foi assim, entre metáforas, sonhos e espantos de alegrias e esperanças que vivenciou. Ela fica sem acreditar.

As histórias a trouxeram a esse lugar, tão lindo e distante do mar, do mar que ela não vai se banhar.

Mas esse mar com sua maresia e beleza, que ela tanto tem a agradecer. Para aprender com as histórias é melhor aproveitar a vida. Conhecer novas palavras, novas histórias de vida, escutar com crianças ainda no ventre que é muito bom dançar. E assim com uma trupe de sonhadores e sonhadoras de histórias ainda tem vivido a partilha.

Continuando no Crato do Cariri, chegaram todas as alunas da Escola de Narradores, parece a história acumulativa, foi chegando de Salvador, Rio de Janeiro, Portugal, Juazeiro, Barbalha, Brejo Santo, chegou do Piauí a chefe de cozinha, foi chegando gente, fotógrafo (esse é um homem do mundo para o mundo da fotografia) Marcelo. E foi assim que nos conhecemos e reconhecemos. Depois do almoço vão todos e todas para um lugar chamado Beatos. Para conhecer o local e as pessoas que cuidam desse lugar. A Idealizadora é uma Mulher fantástica, Dane de Jade e a surpresa encontraram José Mauro Brant, Ria Lemaire com a palavra carregada de sabedoria e simplicidade.

A Jane ministrou uma palestra e o curador do local apresentou a história do local e as representações, assim como o museu. A noite chegou e teve a linda apresentação de Renovação do Mestre Aldenir, mas para fechar com chave de ouro, ouvimos a belíssima escritora e contadora de história Penélope Martins. Ainda teve reencontro com o querido amigo das caminhadas culturais Americo Córdula.

E o Mestre Aldenir vai à residência das estudantes, o encontro é de muita aprendizagem com o jovem senhor com 89 anos idade de alegria e sabedoria. Ele canta, dança e namora sua amada. Mas seu amor por brincar de reisado explica o presente e o passado é de acreditar que o Cariri é terras de encantados. Assim, no reisado do Mestre Aldenir, apresentou-se Tainá, menina moça de 15 anos que sabe dançar, cantar com a espada e empunhar. A tarde chegou depois de cantorias e risadas. E para confirmar as sabedorias das danças e falas desse lugar chegou Dona Josenir Lacerda, a Cordelista encantada do Cariri. É a mulher mais gentil que ela

conheceu na caminhada da busca de palavras andarilhas. Josenir Lacerda, cordelista, artesã, filha, esposa, mãe, mulher. Imagine que ela é tão maravilhosa que era elogiada pelo Patativa do Assaré e o Bráulio Bessa, o global das manhãs em Fátima. Nada disso traz vaidade e sim a simplicidade em falar da sua timidez. A elegância que traz nas vestes, também está nas palavras que fala. A sua escrita, além de elegância, traz sonoridade. Ela é membro da Academia de letras dos cordelistas do Cariri.

É como se estivesse em um desfile de cultura popular com os mestres das palavras e os movimentos feitos em cada narrativa. Então chegaram os irmãos Cabaçal Aniceto, cantaram, dançaram e narraram suas apresentações. Na apresentação do marimbondo tem a capoeira, o frevo, e tantos outros estilos das danças e movimentos carregados pelas vozes e três instrumentos artesanais – é só um industrial, o feito de mineral. Segundo eles, "o som da industrial".

O bumbo, tambor e pífano. Os construídos pelas mãos dos irmãos. O prato ressoa o minério da indústria a completar o quarteto para a bela narrativa dançar. Seguindo os dias e noites, teve histórias dos Narradores do Cariri; foi chegando o Pedro Martins, homem de pequeno coração efervescente, começa com repentes, cantando e apresentando Geraldo Amâncio, homem sabido, viajado aos setes continentes do mundo a pesquisar o que é repente, soneto, rima.

No Cariri tem arte e Mestres em todos os lugares, na Cidade foram todos no mercado de artesanato do Mestre Noza, e lá os vários mestres trabalhando com madeiras, o formão nas mãos e umas toras de madeira vão se transformando em artes. As peças ganham formas de santos, animais e muitas figuras da cultura popular.

Em seguida, todos subiram ao horto do Padre Cícero. É indescritível a sensação de estar ao alto desse lugar, homem de luz, cheio de mensagens aos outros. Cuidados com o meio ambiente, o que plantar para sobreviver a seca desse lugar. A Experiência com o Mestre Cirilo, homem feliz de sorriso no rosto com o encanto que alegremente ele chama de brincadeira. É uma mistura de cantos do cotidiano e dança com pedaços de pau ferro, são pedaços de madeira na espessura de um cabo de vassoura, com uns trinta centímetros. O pau faz jus ao nome, firme e forte, de som indescritível. O mestre canta e seu neto Riquelme dança como o vento na roda, o terreiro ficou cheio. Além das alunas, vários convidados da cultura do Cariri se fizeram presentes.

A cada momento, uma descoberta das riquezas desse lugar. Uma pergunta chega à sua memória. Vem uma indagação: onde estava toda essa riqueza que a escola formal não ofereceu? As academias que ela passou não ofereciam tantas riquezas vivas. O importante agora é beber, ouvir, viver cada instante desse lugar, com todas elas.

Chegou o dia da apresentação, no Instituto Corrupio de Barbalha. Ela recontou a divertida história “Uma história com mil macacos”, de Ruth Rocha e Alcy Linhares, com a direção do José Mauro Brandt e fotografia de Marcelo Paes de Carvalho.

Teve Encontro da Rede Mnemósine de Mulheres cordelista. Encontrou com o corpo, voz, a face na preparação com Cláudio Ivo. E a grande noite do Olimpo com as apresentações na ONG Beatos. Luz, câmera, ação. Emoções e lembranças, os cantos das infâncias e a busca do encontro com a narradora, trouxe uma releitura com os Povos Originários do seu lugar. O Povo Tupinambá de Olivença, em Ilhéus.

Assim ela seguiu, e ficou a certeza da continuidade dos Estudos na Casa Tombada. Ela recebeu a grande surpresa em ser homenageada na primeira FILIN de Ilhéus. Primeira feira Literária das infâncias.

Onde o tempo passou, porque sempre passa, e ela foi até Portugal e junto com as Mulheres as Mnemósine. Assim ela acredita que fechou um ciclo dessa caminhada. Ela não sabe se sabe contar histórias. Mas tem uma certeza que é contadora de histórias.

E com o trecho do livro de Josy Correia, fecha essa busca incansada.

" A história dos contadores de histórias.

A Cultura é diamante

Pelo povo lapidado

É memória fulgurante

Das histórias do passado

Com alegria, canto e louvor

Suas derrotas e glórias

Com a bençãos de Sherazade

Quero narrar a verdade

Dos contadores de histórias."

Que as histórias percorram seu corpo, passe no coração e chegue na sua boca cheia de emoção.

Assim ela vai levando a vida, com olhares e sentimentos vindo dos contos.
Que lê, ouve, estuda, conta.

Agradecimentos

Aos mais velhos, aos antepassados e ancestrais.

As Mestres e Mestras Populares e das Escolas que passou e passa.

Aos amigos, colegas, professores.

À família.

Aos meus filhos e neto.

Obrigada João Manuel, por ouvir as histórias e gravar.

Obrigada João Mateus por acreditar, incentivar sempre.

À minha irmã Help.

Aos meus amigos Paulo Ato que acreditou.

Pawlo Cidade que acredita.

Elisa Oliveira e Luh Oliveira.

Alderacy Júnior.

A vocês Casa Tombada, corpo docente e discente.

Assim ela vai seguindo.

Referências

BEDRAN, Bia. *A arte de cantar e contar histórias: narrativas orais e processos criativos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BUSATTO, Cléo. *Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa*. Ilustração de P. Mais. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Contos tradicionais do Brasil*. 13. ed. São Paulo: Global Editora, 2003.

CORREIA, Josy Maria. *A história dos contadores de histórias*. Juazeiro do Norte: Sesc Cordel, 2012.

MACHADO, Regina. *A arte da palavra e da escuta*. Edição revista e ampliada do livro *Acordais*. São Paulo: Reviravolta, 2015.

MATOS, Gislayne Avelar. *A palavra do contador de histórias*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

MATOS, Gislayne Avelar; SORSY, Inno. *O ofício do contador de histórias*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

OLIVEIRA, Rosemary Lapa de; ARAPIRACA, Mary de Andrade (Org.). *Contar histórias em espaços formais e informais de aprendizagem*. Salvador: EDUFBA, 2019.

ROCHA, Ruth. *Uma história com mil macacos*. Ilustração de Alcy Linhares. São Paulo: Ática, 1996.

SISTO, Celso. *Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias*. 3. ed. Belo Horizonte: Aletria, 2012.